



Quem ouve MPB, conhece esse piano

Às vésperas de completar 80 anos anos, **Cristóvão Bastos fará nos próximos meses shows no Brasil, França e Portugal. Seu piano faz parte da história da MPB.** O músico já gravou com participações em álbuns de artistas como Gal Costa, Elza Soares, Alaíde Costa, Ângela Maria, Áurea Maria, Fafá de Belém, Edu Lobo, Chico Buarque e Paulinho da Viola, só para citar alguns. **Compositor, tem parcerias com Paulo Cesar Pinheiro, Aldir Blanc, Paulinho da Viola, Chico Buarque e outros tantos.** Um feito e tanto para **o garoto de Marechal Hermes que, aos 17 anos, tocava sanfona num ‘inferninho’ de Cascadura.** Página 3

EM CONCERTO

MARCUS VERAS



Pablo Albarenga/Divulgação

A obra nasceu da dura realidade dos povos originários

Estreia de ‘Requiem Guarani-Kaiowá’

O Theatro Municipal recebe nesta terça-feira (15), às 19hs, a estreia mundial do “Requiem Guarani-Kaiowá”, Op. 33, de Cyro Delvezio — um verdadeiro manifesto artístico e documental. Com libreto de Gabriel Neves Camargo, a execução ficará a cargo da Orquestra Petrobras Sinfônica (OPES), sob a regência do maestro Felipe Prazeres, reunindo quatro

solistas vocais, coro misto e coro infantil, num total de mais de cem artistas, além de projeções de renomados fotojornalistas sobre o tema. “Esta obra nasceu de minha sensibilização diante da dura realidade desses povos, da violência histórica que sofreram e da profunda relação que possuem com a terra e a natureza”, comenta o autor. Ingressos a partir de R\$ 10.

Museu virtual

A pesquisadora Adriana Ballesté está na Letônia para apresentar o Museu Virtual de Instrumentos Musicais na Mimo (Musical Instrument Museums Online). O roteiro inclui Paris, Leicester, Londres e Zaragoza, para atividades relacionadas ao desenvolvimento e a projetos conjuntos com o museu brasileiro, que pode ser acessado em <https://www.mvim.com.br/pt-br/>.

Eu recomendo

História Concisa da Música Clássica Brasileira (Alameda), de Irineu Franco Perpétuo. O autor relaciona a música “clássica” com os fatos históricos e culturais, inclusive a música popular, e situa seus criadores no ambiente intelectual e social brasileiro. Cerca de R\$ 95.

Canto coral

Sábado, dia 19, às 17h, o Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241, Centro) recebe o Coro Sinfônico da Associação de Canto Coral. No programa, obras de noisso maior compositor barroco, o Padre José Maurício, regência de Jesus Figueiredo. Ingressos a R\$ 40.

Sopros e Tim Rescala

Nesta quinta-feira (17), às 19h, a Orquestra de Sopros da UFRJ recebe Tim Rescala (foto), no Salão Leopoldo Miguez, da Escola de Música da UFRJ. Com Marcelo Coutinho (barítono), Cleyton Pulzi (tenor) e direção musical de Marcelo Jardim, o programa transita entre a música de concerto, a narrativa e o universo popular brasileiro. Entrada franca.



Divulgação



Divulgação

A oficina salto no Tempo, ministrada no Sesc Nova Iguaçu, é uma das atividades de formação musical desenvolvidas a partir da metodologia do coletivo O Passo

Movimento que é música. E vice versa

O Passo, método criado por Lucas Ciavatta, ganha dois encontros no CCBB reunindo canto, percussão e artistas que fizeram parte de sua trajetória

AFFONSO NUNES

Um método de educação musical que nasceu no Rio a partir de um gesto elementar, o ato de caminhar, completa 30 anos mostrando que ainda tem muito chão pela frente. Criado pelo músico e educador Lucas Ciavatta em salas de aula do CAP-UERJ, O Passo será celebrado nos dias 19 e 26 no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB RJ), dentro do Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens (FIL).

A comemoração começa no sábado (19), às 15h, com “Guarnicê d’O Passo”, apresentação gratuita na rotunda do CCBB. Ciavatta divide a cena com Daniela Ferreira, Bela Ciavatta e Rosa Ciavatta em um repertório inspirado no Boi do Maranhão, terra natal de seu pai, e aberto à participação do público.

No sábado seguinte (26), às 17h, o Teatro I recebe “30 anos d’O Passo no FIL – reencontros cênico-musicais”. O espetáculo

nasce de três dias de criação coletiva e reúne oito ex-integrantes do Bloco d’O Passo e do Batucantá, entre eles Bela e Rosa Ciavatta, Maju Nunes, Mateus Xavier, Zé Motta, Laura de Castro e Carlos Gracie. Canções, palmas, percussão e movimento dialogam com manifestações como boi, maracatu e coco.

Criado em 1996, O Passo associa pulsação, corpo, imaginação, grupo e cultura no aprendizado do ritmo. O caminhar funciona como instrumento de percepção musical, permitindo que o trabalho comece antes mesmo do contato com um instrumento.

Em três décadas, o método deixou as salas de aula para circular por contextos muito diferentes, de escolas indígenas no Acre a projetos com mulheres refugiadas em Berlim. No Brasil, chegou a oficinas ligadas à Mangueira, Salgueiro, Monobloco e Sargento Pimenta. Desde 2018, é indicado pela Filarmônica de Paris e, neste ano, passou a integrar uma disciplina semestral no Conservatório Nacional Superior de Música e

Dança de Paris para formação de futuros professores.

Ciavatta vê a celebração também como reencontro com um festival importante para a trajetória do projeto. “Vamos nos reunir e agradecer e só poderia ser no FIL. O FIL ampliou e renovou os caminhos do Bloco d’O Passo e do Batucantá por meio do contato com grupos de outras linguagens”, afirma.

Daniela Ferreira, idealizadora da comemoração e ex-integrante do Batucantá, afirma que, desde a pandemia, o Instituto d’O Passo concentrou esforços na formação de professoras e professores de música. Para ela, a festa no FIL “mostra a liberdade de escolha de caminhos na música oferecida pelo método ao longo de três décadas”.

Os dois encontros ajudam a revelar os frutos de uma metodologia que fez do corpo o primeiro instrumento musical. Do alto de 30 anos de caminhada, O Passo reafirma que aprender, criar e conviver podem seguir o mesmo ritmo.

SERVIÇO

O PASSO

CCBB RJ (Rua Primeiro de Marajo, 66 - Centro)
19/9, às 15h: Guarnicê d’O Passo (Rotunda do CCBB). Grátis
26/9, às 17h: 30 anos d’O Passo no FIL – reencontros cênico-musicais” (Teatro I). R\$ 30 e R\$ 15 (meia).

‘Meu trabalho é procurar espaços’

Cristovão Bastos se aproxima dos 80 anos como pianista lendário da música popular

JOÃO GABRIEL DE LIMA
Folhapress

A entrada da boate La Cumparsita, em Cascadura, na zona norte carioca, era discreta. Muitos pais de família frequentavam o “inferninho”, como se dizia nos anos 1960, mas não queriam ser vistos no local, proibido para menores de 21 anos. O sanfoneiro do grupo musical da boate nem poderia estar lá - tinha apenas 17. Num dia em que o pianista faltou, o adolescente pediu para trocar a sanfona pelo teclado.

Começava assim, por acaso e na clandestinidade, a carreira de uma lenda da música popular brasileira.

O aniversário de 80 anos de Cristovão Bastos será no próximo dia 3 de dezembro. O carioca de Marechal Hermes, que desenvolveu uma linguagem própria e inconfundível ao piano, irá celebrar com apresentações em Portugal, na França e no Brasil.

Quase todos os shows serão em parceria com a cantora Ilana Volcov, brasileira radicada em Lisboa, com quem Bastos lançou, em março do ano passado, o premiado álbum “Acariciando”. Nos dias 25 e 26 de novembro, o pianista será homenageado na Casa do Choro, no Rio.

É impossível alguém que acompanha a MPB nunca ter ouvido o piano de Cristovão Bastos. O músico contabiliza mais de 500 participações em álbuns de artistas como Gal Costa, Elza Soares, Alaíde Costa, Ângela Maria, Fafá de Belém, Edu Lobo, Chico Buarque, Paulinho da Viola e vários outros intérpretes.

Também assina mais de uma centena de composições com diversos parceiros, sendo os mais constantes Aldir Blanc e Paulo César Pinheiro. Algumas delas se tornaram clássicos da música bra-



Cristovão Bastos

“Eu tenho cabeça de arranjador. Existem pianistas que, quando tocam em grupos, ouvem apenas a si próprios. Eu gosto de ouvir os outros músicos e cantores, pensando onde eu posso encaixar o meu piano”

CRISTÓVÃO BASTOS

sileira, como “Resposta ao Tempo”, com Blanc, sucesso de Nana Caymmi, e “Todo Sentimento”, com Chico.

Bastos forjou seu estilo ao incorporar - e depois desconstruir - diversas influências. Como músico de boate, tornou-se fluente em vários ritmos, entre eles o baião, que conhecia dos tempos em que tocava sanfona. Sua principal influência no gênero era Zé Gonzaga, irmão de Luiz Gonzaga e autor de sucessos como “Pisa na Fulô”. Juntou à mistura o samba, o choro, o bolero, o beguine e os demais ritmos das gafieiras. Com o tempo, diluiu e amalgamou esses estilos à sua maneira própria.

“Para aprender piano rapidamente, corri atrás de partituras”, diz Bastos, lembrando o que teve de fazer quando se voluntariou para tocar o instrumento na boate. “Comecei com uma sonata de Mozart e cheguei ao ‘Clair de Lune’ de Debussy. Meu professor na ocasião, Alexandre Gnatalli, irmão do maestro Radamés Gnatalli, elogiou minha maneira de tocar, mas hoje sei que ele estava sendo gentil. Minha interpretação do ‘Clair de Lune’ era muito ruim”.

Mas foi dedilhando as partituras do impressionista Claude Debussy, de outros mestres da música erudita e do jazz que Bastos aprendeu a dispor acordes

num arranjo como um pintor espalha cores numa tela.

“Ele não se preocupa em tocar os ritmos de maneira convencional, de forma a que os ouvintes reconheçam”, diz a cantora Ilana Volcov. “Em vez disso, cria atmosferas, transmitindo de forma sensível e precisa a emoção de cada música.”

Por causa dessa habilidade, Bastos se tornou, ao longo da carreira, um dos pianistas mais requisitados para acompanhar cantores e tocar em rodas de choro. “Eu tenho cabeça de arranjador”, afirma Bastos. “Existem pianistas que, quando tocam em grupos, ouvem apenas a si próprios. Eu

gosto de ouvir os outros músicos e cantores, pensando onde eu posso encaixar o meu piano. Meu trabalho é procurar espaços”.

Bastos se tornou conhecido no meio musical nos anos 1970, quando tocava na boate Flag, em Copacabana. A casa noturna recebia frequentemente artistas como Nara Leão, Tom Jobim e Paulinho da Viola. Foi com o sambista portelense que Bastos estabeleceu uma de suas colaborações mais celebradas.

“Eu era o pianista da casa quando ele foi ensaiar lá. A gente começou a passar as músicas e deu liga, sabe?”, diz Bastos. “Roulo uma amizade boa, tanto que depois ele foi padrinho do meu primeiro filho”.

Bastos é autor de quatro choros em parceria com Paulinho da Viola. No primeiro deles, “Meu Tempo de Garoto”, Bastos compôs a primeira parte, cheia de harmonias dissonantes e sofisticadas, e Paulinho respondeu na segunda com igual dose de inventividade.

“Quando toco essa música, digo que é 25% da minha obra em parceria com ele”, diz Bastos. “Da mesma forma que, quando toco ‘Todo Sentimento’, brinco que é metade de minha obra em parceria com Chico Buarque”. Os dois músicos são autores também de “Tua Cantiga”.

“Todo Sentimento” entrou para o repertório de vários cantores, entre eles Elizeth Cardoso, Ney Matogrosso, Verônica Sabino e o próprio Chico. “Fiz essa música no violão, na casa de uma namorada; eu estava apaixonado”, lembra Bastos. “A Miúcha ouviu e comentou com Chico que ele poderia fazer a letra. Chico estava gravando o álbum ‘Francisco’. Mandeí a música numa fita cassete e, uma semana depois, ele veio com a letra, cheia de sons em ‘PR’: ‘preciso’, ‘prefiro’, ‘procuro’. Arrasou”, lembra.

Bastos se emociona quando diz que participou da última gravação de Nana Caymmi, uma recriação do clássico “A Lua e Eu”, de Cassiano e Paulo Zdanovski, ao lado do cantor Renato Braz.

Essa interpretação dá a exata medida de como Cristovão Bastos reinventou seu ofício: uma profusão de atmosferas ao piano transmite, de forma sutil, a emoção da música, num diálogo tocante com a voz quase sussurrada da cantora. Uma obra-prima concentrada em pouco mais de dois minutos e meio.

Convicções que o tempo muda



Documentário 'Tudo é Tempo', de Marcos Guttman, traça mosaico da vida política brasileira nos últimos 20 anos



Divulgação

REYNALDO RODRIGUES

O documentário "Tudo é Tempo", dirigido, roteirizado e produzido por Marcos Guttman, estreou na Mostra Competitiva do 59º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. O diretor participou da sessão ao lado do montador Arthur Frazão, responsável pela edição do longa. O filme foi rodado ao longo de 20 anos, entre 2002 e 2022, período que reúne a primeira e a terceira eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República.

A produção acompanha quatro brasileiros que têm em comum o fato de votarem na mesma seção eleitoral, no Rio de Janeiro: Carlos Eduardo Ibrahim, Fernando Pereira, Heber Cunha e Cristiane Magalhães Rosa. Ao longo de duas décadas, o diretor registra mudanças nas vidas dos personagens e observa como o passar dos anos interfere em escolhas, convicções e relações com o mundo.

O filme também coloca Guttman como personagem. O diretor aparece como narrador e, em alguns momentos, diante da câmera, acompanhando a trajetória dos quatro participantes e as transformações do país. A proposta inicial era registrar o período político iniciado em 2002, quando a eleição de Lula representava, para o cineasta,



Divulgação

a expectativa de mudanças no Brasil. Com o desenvolvimento do projeto, a política passou a ocupar o papel de pano de fundo para uma abordagem centrada nas experiências pessoais.

Segundo Guttman, a revisão do material em 2025 fez com que ele identificasse no amadurecimento e nas contradições dos personagens o principal eixo da obra. O documentário passou, então, a tratar o tempo como elemento narrativo e a observar como ele reorganiza prioridades e modifica convicções. Após duas décadas de acompanhamento, o

cineasta também passou a integrar esse processo de transformação registrado pelo filme.

Carlos Eduardo Ibrahim é filho de José Ibrahim, fundador do PT que se afastou politicamente de Lula. Seguindo a posição política do pai, Carlos votou no PSDB até 2014. Atualmente, trabalha como corretor de imóveis, é divorciado e pai de um filho com autismo.

A trajetória dos quatro personagens é apresentada no filme tendo as três eleições de Lula como referência temporal. O documentário registra as mudanças indivi-

duais sem deixar de acompanhar o contexto político brasileiro. Para Guttman, o resultado é um registro de como duas décadas podem alterar a maneira como as pessoas interpretam a própria história e o ambiente em que vivem.

Produzido pela Solar Filmes, "Tudo é Tempo" recebeu investimentos do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) e da Agência Nacional do Cinema (ANCINE), administrados pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), com apoio da EBC. O longa tem 85 minutos de duração.

Rodado ao longo de 20 anos, o documentário acompanha quatro brasileiros que votam na mesma seção eleitoral



Divulgação

Guttman é diretor, roteirista e produtor carioca e tem 30 anos de carreira. Três de seus curtas-metragens foram exibidos no Festival de Brasília. Em 1992, "Lapso" recebeu os prêmios de Melhor Diretor e Especial do Júri. Seus trabalhos também foram exibidos em festivais como Rotterdam, Locarno, Montreal e Clermont-Ferrand. O cineasta dirigiu "Maresia", premiado como Melhor Direção no Cine Ceará. Em 2026, lança "Tudo é Tempo" e finaliza "Viver de Vento", sobre Lars Graef, com previsão de lançamento para 2027.

Mais e melhores telas para a(s) África(s)

Na reta final da mostra Cinemas Africanos no CCBB, longas do Senegal, da Nigéria do Chade e do Quênia desbravam espaço nos streamings brasileiros

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Há um continente inteiro... e dos mais plurais... a África... a ser conhecido pelos brasileiros não apenas em sua geografia, mas em sua tradução em imagens cinematográficas — e uma breve consulta aos streamings ao nosso alcance mede tanto o avanço quanto o tamanho da nossa lacuna em torno dos filmes feitos por lá. Enquanto a Mostra de Cinemas Africanos ocupa o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) até quarta (dia 16), com entrada gratuita, Netflix e MUBI oferecem caminhos muito desiguais para quem deseja conhecer cinematografias da África negra.

Quênia e Senegal conseguem furar o bloqueio digital; Angola e Moçambique continuam bem mais difíceis de encontrar nos grandes serviços. É nesse descompasso entre a efervescência dos festivais e a oferta doméstica que a nona edição da mostra ganha importância política.

A pedida desta quarta na mostra do CCBB, com sessão às 14h, é “Timpi Tampa”, de Adama Bineta Sow. Nesse exercício autoral senegalês, o jovem Khalilou se disfarça de mulher para participar de um concurso de beleza que privilegia peles claras e, no papel de Leila, desafia os padrões impostos pela competição. Na sequência, às 16h rola o curta “A Cabra” (“Goat”), de Judy Kibinge, do Quênia, que evoca traumas seculares. É um tocante estudo sobre reparação histórica envolvendo disputas territoriais, construído com ecos fabulares. Quando o noivo da jovem Suki leva sua amada a uma quinta isolada, a fim de comprar



‘Timpi Tampa’ é a pedida desta quarta no encerramento da mostra Cinemas Africanos no CCBB



Mame Bineta Sane estrela ‘Atlantique’, hoje na Netflix



‘Dahomey’, o Urso de Ouro de Berlim, pode ser visto no Mubi



‘Nairobi Half Life’ pôs o Quênia ao alcance do streaming

uma cabra, ela quer sair dali imediatamente, sem entender a razão do desconforto. No entanto, depressa se apercebe de que a antiga árvore Mugumo está a exigir que ela salde uma dívida da qual nem sequer sabia que tinha.

Criada há nove anos, a Mostra Africana tornou-se uma plataforma continuada de difusão do audiovisual contemporâneo africano no Brasil. Em sua trajetória, passou por sete cidades, realizou 22 edições,

exibiu mais de 400 filmes, recebeu mais de 65 convidados e promoveu 45 atividades de formação, alcançando um público superior a 350 mil pessoas. Nesta passagem pelo Rio, uma das apostas está justamente na possibilidade de desmontar a velha associação entre cinema africano e um registro exclusivamente social ou realista. Uma de suas iguarias, “O Pescador” (“The Fisherman”), de Zoey Martinson, vindo de Gana, lotou salas na Mostra de

São Paulo, em 2025, e deve agora mobilizar cariocas. Eis uma aula de realismo mágico que rendeu à sua diretora uma láurea da Unesco no Festival de Veneza. Seu protagonista, um pescador ganês, estava afastado do ofício, mas embarca numa jornada inusitada, ao lado de um peixe falante (e sarcástico!), em busca do sonho de ter um barco. Na jornada, ele aprende a se adaptar ao mundo moderno.

No terreno da streaminguesfera, na Netflix brasileira, a busca encontra uma seção específica dedicada a filmes e séries africanos, mas boa parte da vitrine é dominada pela musculatura industrial da África do Sul e da Nigéria. O Quênia consegue espaço com títulos como “Nairobi Half Life”, drama de David “Tosh” Gitonga sobre um jovem que deixa o interior para tentar a vida de ator na capital, além de “Chaguo” e “The Dreams of Elibidi”. O Senegal tem um representante de enorme peso autoral: “Atlantique”, de Mati Diop, Grande Prêmio do Júri em Cannes em 2019. Nas buscas realizadas no catálogo brasileiro, não foi possível confirmar oferta atual equivalente de longas de produção angolana ou moçambicana.

A MUBI abre mais o mapa. “Rafiki”, de Wanuri Kihiu, produção do Quênia com a África do Sul e primeiro filme queniano apresentado em Cannes, está disponível no serviço. Do Senegal vêm peças fundamentais como “Touki Bouki – A Viagem da Hiena”, de Djibril Diop Mambéty, e “Dahomey”, de Mati Diop, vencedor do Urso de Ouro da Berlinale. Angola aparece com

“Monangambéé”, curta de Sarah Maldoror sobre a violência colonial portuguesa. Há uma novidade fora das duas gigantes que reforça a possibilidade de se construir uma cinemateca africana em casa. A FIL-MICCA dedica as sextas de setembro ao senegalês Ousmane Sembène (1923-2007), chamado de “pai do cinema africano”: “Emitai” entrou no catálogo no dia 4; “Xala” chegou na sexta (11); “Ceddo”, no dia 18; e “Moolaadé”, no dia 25. O percurso vai da resistência ao colonialismo francês à denúncia das contradições das elites pós-independência e da mutilação genital feminina.

Esse movimento online se articula com um tempo de considerável fricção para a África em eventos audiovisuais. Um de seus (muitos) expoentes é Mahamat-Saleh Haroun, que já fez o Chade brilhar em Cannes ao conquistar o Prêmio do Júri de 2010 com “Un Homme qui Crie” e voltou à competição francesa com “Grigris”, em 2013, e “Lingui”, em 2021. Em fevereiro deste ano, o realizador levou “Soumsoum, La Nuit des Astres” à competição da 76ª Berlinale e saiu de lá com o Prêmio da Crítica, votado pela FIPRESCI, a Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica.

No CCBB na reta final da mostra africana, essa imaginação ganha muitas nacionalidades. A programação passa por Senegal, Quênia, Nigéria, Burkina Faso, Sudão, Chade, Gana, Benin, Ruanda e República Democrática do Congo, entre outros territórios. Um dos achados de sua grade é “Crocodilo”, parceria entre Nigéria e Nova Zelândia, parte da experiência do coletivo The Critics, jovens de Kaduna que fizeram do quintal de casa um estúdio de efeitos e aventuras futuristas. Voltando a grade desta quarta no CCBB, no encerramento da programação, tem “Independência Hoje”, de Abdou Lahat Fall, feito numa dobradinha do Senegal com Benin, às 18h. sua narrativa vai a Dakar, onde quatro militantes de um movimento revolucionário atravessam os anos finais de um governo opressor, entre mobilizações políticas.

Em relação ao Oscar, nota-se outra medida de desigualdade. A corrida pelo prêmio de Melhor Filme Internacional de 2027 ainda está longe de fechada: o prazo para os países enviarem seus representantes termina em 30 de setembro. Até o fechamento desta edição, os levantamentos disponíveis não registravam ainda um candidato oficialmente anunciado da África subsaariana. Nigéria e África do Sul abriram seus processos de escolha, enquanto países como Senegal e Uganda permaneciam sem filme confirmado nas listas em atualização. Do continente africano, Marrocos já anunciou “La Más Dulce”, de Laila Marrakchi. A shortlist de 15 concorrentes será conhecida em 15 de dezembro; as cinco indicações, em 21 de janeiro; e a cerimônia acontece em 14 de março de 2027.

ENTREVISTA | RICARDO ALVES JR

CINEASTA E PRODUTOR

‘O cinema mineiro conquistou uma autonomia e uma força muito particulares’

Denise dos Santos/Divulgação



RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Semanas depois de vencer Gramado com “Nosso Segredo”, dirigido pela atriz Grace Passô e hoje em cartaz no Rio, no Cine Santa, o produtor e diretor mineiro Ricardo Alves Jr. prepara as malas para desbravar os Horizontes Latinos de San Sebastián. Seu novo longa-metragem como realizador, “A Professora de Francês”, que tem Grace no elenco, vai disputar na seção anual do festival espanhol dedicada apenas a nuestros hermanos, representando o Brasil. De 1º a 11 de outubro, o filme vai disputar o troféu Redentor no Festival do Rio 2026.

Na trama produzida por Thiago Macêdo Correia, Justin Pechberty e Damien Megherbi, Grace é Graça, que sobrevive dando aulas particulares de francês em Belo Horizonte, onde mora com a namorada francesa. Após uma emergência de saúde do pai, retorna à casa onde cresceu, no subúrbio da cidade. Acolhida por vizinhos que lideram uma seita na comunidade, ela passa a ser envolvida por um fanatismo que tenta devolvê-la “ao seu lugar”. Aos poucos, sua realidade assume os contornos de um inquietante pesadelo.

Além de Grace, o elenco de “A Professora de Francês” reúne a artista francesa Jehnny Beth (de “Anatomia de uma Queda”) interpretando Clara, que namora a protagonista. Estão em cena ainda Elisa Lucinda, Bárbara Colen, Rômulo Braga, Eduardo Moreira, Italo Laureano, Rodger Rogério (no papel do pai de Graça) e Pedro Goifman, intérprete do jovem e enigmático Tomás, uma das figuras centrais da seita. O roteiro é de Germano Melo, baseado em argumento escrito por ele em parceria com o diretor.

Na conversa a seguir, Ricardo, mundialmente respeitado na direção por filmes como “Russa” (2018) e “Elon Não Acredita Na Morte” (2016), fala da “mineiridade” e da “universalidade” de sua investigação das veredas da tensão.

De que maneira - após a presença do filme de Grace Passô na Berlinale e no Bafici e com a ida de “A Professora de Francês” a San Sebastián - a sua carreira como produtor se expande este ano?

Ricardo Alves Jr. - Acho que este ano representa a continuidade de um trabalho que vem sendo desenvolvido pela EntreFilmes ao longo dos últimos anos. Já estivemos duas vezes em Cannes, com “A Flor do Buriti” e “Chuva É Cantoria Na Aldeia dos Mortos” - filmes de Renee Nader e João Salaviza. Esta é a terceira vez que participamos da Berlinale, além de “Elon Não Acredita Na Morte” também sido exibido no Bafici. O ótimo percurso internacional do “Nosso Segredo” de Grace Passô e agora “A Professora de Francês”, em San Sebastián, reforçam uma circulação internacional que vem sendo construída de forma gradual, pensando cada filme e a sua forma de produção e circulação.

Nesse espaço da sua pro-

dução onde entra Minas? De que forma seu cinema se articula com a produção mineira atual?

Minas Gerais são muitas. Meus filmes, em particular, têm a cidade de Belo Horizonte como cenário. É um espaço que conheço profundamente, com suas contradições, sua arquitetura, seus afetos e também suas formas particulares de violência e de conservadorismo. Existe algo muito mineiro na tensão entre o espaço doméstico, a intimidade, a religiosidade e também em determinadas estruturas conservadoras que atravessam a vida cotidiana. Trabalho isso em “A Professora de Francês”. Também me sinto parte de um momento muito interessante da produção mineira. Temos hoje uma geração de realizadores, produtores, atores e técnicos que vem construindo uma cinematografia muito diversa e, ao mesmo tempo, muito conectada com o território. Tenho a sensação de que o cinema mineiro conquistou uma autonomia e uma força muito particulares, conseguindo dialogar com o cinema brasileiro

e com o circuito internacional sem precisar abrir mão de suas especificidades. Meu cinema está profundamente ligado a essa cena. A própria parceria com Germano Melo em “A Professora de Francês”, assim como o trabalho com Grace Passô e tantos outros artistas mineiros, faz parte dessa construção coletiva. Acho que existe uma potência muito grande quando conseguimos pensar o cinema a partir de Minas, não como uma produção periférica em relação ao eixo Rio São Paulo, mas como um lugar de criação com uma identidade própria, capaz de produzir outras formas de imaginar o Brasil.

De que forma “A Professora de Francês” se articula com a linhagem narrativa da tua obra, do “Elon Não Acredita Na Morte” em diante?

Existe uma continuidade entre “A Professora de Francês” e o “Elon Não Acredita Na Morte”. Em “Elon”, eu trabalhava a partir do thriller psicológico, interessado principalmente na experiência subjetiva do personagem, na tensão, na paranoia e na maneira como a realidade vai se tornando cada vez mais instável. Em “A Professora de Francês”, retomo ao thriller, mas procuro aprofundá-la e, ao mesmo tempo, adensar a construção do gênero. Esse processo também nasce da minha parceria com o roteirista Germano Melo, buscando justamente ampliar essa dimensão do gênero e encontrar uma forma narrativa que pudesse incorporar o terror à experiência muito concreta da nossa realidade. O suspense deixa de estar apenas ligado à experiência individual e passa a ser atravessado por uma dimensão social e coletiva. É nesse movimento que o filme se aproxima do terror social. Nos interessa pensar como o medo pode ser produzido e utilizado como instrumento de poder, e como determinadas estruturas sociais, como a intolerância, o patriarcado e o fundamentalismo religioso, podem produzir uma experiência de terror muito concreta. Se em “Elon” o medo nasce sobretudo de uma dimensão psicológica e subjetiva, em “A Professora de Francês”, ele ganha uma dimensão coletiva. O terror se torna uma maneira de olhar para a realidade e revelar aquilo que já existe de forma assustadora no nosso cotidiano.

Quais são próximos projetos de vocês?

Não temos planos para próximos projetos, estamos agora cuidando da circulação do “Nosso Segredo”, que está nos cinemas e ainda segue sua carreira internacional. “A Professora de Francês” estreia esse mês e ainda terá um longo percurso de distribuição.

Odisseia que dança na mítica feminina

Raquel Karro recontextualiza em passos e reflexões filosóficas uma das personagens centrais do poema filmado por Christopher Nolan em 'Penelopéia – Uma Palestra Dançada'



Raquel Karro em ação em 'Penelopéia', espetáculo que nasce da inquietação da atriz em relação à personagem de Homero

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Existe uma torcida no planisfério cinéfilo em torno da possível e merecida indicação ao Oscar para Anne Hathaway, por seu desempenho em "A Odisseia", de Christopher Nolan, na figura da monarca que aguarda, ao longo de duas décadas, o regresso do marido, vivido por Matt Damon. O desempenho dela não passou indiferente nas pesquisas narrativas de Raquel Karro não apenas acerca dos movimentos (físicos, políticos e poéticos) das mulheres na História, mas também acerca das mitologias constitutivas de nosso imaginário.

Atriz, coreógrafa, ex-trapezista, diretora e dramaturga, essa multiartista investiga há 14 anos a figura de Penélope, uma das personagens femininas mais célebres da literatura ocidental. O que a intrigou desde o início foi a redução de uma mulher tão complexa a uma ação aparentemente passiva: esperar. Dessa inquietação nasceu "Penelopéia – uma palestra-dançada", que passa pelo Rio em três apresentações, nos dias 16, 23 e 30 de setembro, no Teatro Gláucio Gill.

"Penelopéia" nasceu de um desconforto, de um assombramento a partir da minha identificação com Penélope, sim, aquela da 'Odisseia'. Então tem a 'Odisseia', a leitura da 'Odisseia', a minha leitura da 'Odisseia' e, principalmente, o que se diz da 'Odisseia' por aí. Porque, como eu

“A dança coloca a gente em estados físicos que mexem com a maneira que a gente pensa. A gente se mexe e o mundo balança junto”

RAQUEL KARRO

digo no espetáculo: 'Eu leio as coisas a partir do que se diz delas. E eu conto as coisas a partir do que se diz delas, do que se diz', explica Raquel. "Outros dois marcos teóricos importantes: 'Teoria King Kong', da Virginie Despentes, e 'A Teoria da Bolsa de Ficção', da Ursula K. Le Guin. O primeiro me fez querer matar tudo que de Penélope eu identificava em mim, na minha mãe e nas mulheres da minha família, e o segundo me ajudou a escolher os contornos dramaturgicos que gostaria de dar ao espetáculo. A Virginie me fez querer denunciar Homero, brigar com ele: 'Que onda é essa de que a melhor das mulheres, a mais nobre, é também a mais casta? A que espera? O que se espera de Penélope? Que espere? Que proteja o patrimônio? A prole? Enquanto Ulisses se aventura e se deleita no colo de feiticeiras divinas?'. A Ursula me ajudou a desviar o foco de Ulisses, de Homero, do herói ou de uma ideia de heroína. É sobre o que fica do mito no rastro da história, o que cola na gente."

Criada em 2023 como desdobramento do mestrado de Raquel em Artes da Cena na UFRJ, "Penelopéia" cruza dança, teatro, performance e autobiografia. Sua dra-

matúrgia parte de três provocações: "Por que Penélope?", "O que se espera de Penélope?" e "E se esperássemos por Penélope, aquela que tanto esperou?". Perguntas que deslocam a personagem do lugar que a tradição lhe reservou.

Mais do que discutir a fidelidade da esposa de Odisseu, Raquel procura saber o que significa cultural e politicamente associar uma mulher ao ato de esperar — e quais vestígios dessa construção mitológica ainda sobrevivem na experiência feminina contemporânea. "Buscando por Penélopes, o que eu mais encontrei foram Penélopes Charmosas, um ideal bem distante daquele da de Homero, ou pelo menos do que se diz dela", diz Raquel. "Penélope no poema é a mais nobre, a mais bem temperada, a mais casta, a mais fiel, a melhor das mulheres, aquela pra quem Ulisses quer voltar depois de experimentar tantas outras. Eu fui colecionando Penélopes durante o mestrado, entrevistei 32 no Instagram, juntei poemas sobre Penélope, trabalhos de artes plásticas, cartas de tarô, mas o que mais apareceu mesmo foi a da 'Corrida Maluca', a Charmosa! A sensual, aquela que os meninos desejavam quando assis-

tiam ao desenho e que depois usaram como inspiração para o nome das próprias filhas."

O regresso da montagem ganha outra dimensão justamente quando Nolan devolve a epopeia homérica ao centro da cultura de massas. Se Hollywood reencontra Penélope pela escala monumental do épico e pela interpretação colossal de Hathaway, Raquel percorre o caminho inverso: retira a personagem da monumentalidade do mito para procurar seus rastros no corpo e no cotidiano.

Essa investigação extrapola o palco. Nos dias que antecedem as apresentações, Raquel realiza "Esperando por Penélope", performance em que ocupa lugares destinados justamente a chegadas e partidas — pontos de ônibus, estações de metrô e barcas nas cercanias do teatro — e interage com os transeuntes. Registros dessas intervenções passam depois a integrar "Penelopéia".

Perguntada sobre o maior desafio de dançar um mito, Raquel crava: "Buscar no corpo o que o mito desenhou, moldou nele, na história daquele corpo. Mexer com isso, recontar o mito, brigar com ele, arrancar ele do corpo, do gesto, deixar sair. A dança coloca a gente em estados físicos que mexem com a maneira que a gente pensa. A gente se mexe e o mundo balança junto", diz a atriz e pesquisadora.

Produzido por Marina Gadelha, com desenho de luz e técnica de cena assinados por Ricardo Vivian, Raquel contou com uma considerável interlocução na pesquisa cênica,

incluindo Bianca Byington, Caio Riscado, Felipe Ribeiro, Luísa Buarque, Luísa Espíndola, Maria Palmeiro, Olívia Ferreira, Patrick Pessoa e Thierry Trémouroux. Na interlocução artística e no apoio à criação vem Renato Linhares, enquanto Eleonora Fabião entra no intercâmbio teórico do que Raquel define como uma "palestra-dançada".

"Eu quis dançar o Hades, as se-reias, a Circe, a Calipso... É muito curioso que isso tenha se dado, eu fujo da Penélope e encarno a Circe. De lá pra cá e de cá pra lá, pra encontrar um lugar 'entre'. Tem uma pesquisa que eu desenvolvo há um tempo já com câmeras VHS por onde a gente olha o que tá sendo filmado, sabe? Depois, na pandemia, fiquei fazendo essas coisas online, com muita gente, no espetáculo isso virou um número de magia. E aí, pra juntar tudo num mesmo caldo, teve o mestrado com a orientação da Eleonora Fabião, onde teoria e prática andam juntas", explica Raquel. "Eu estudava atravessamentos entre teatro e performance, e fui fazendo performances, uma delas sigo fazendo, e isso também foi desenhando a performatividade do espetáculo, ajudando a criar dispositivos cênicos e dramaturgicos."

SERVIÇO

PENELOPÉIA - UMA PALESTRA DANÇADA

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana) | De 16 a 30/9, quartas-feiras (20h) | Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

FOTOCRÔNICA CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

A velocidade que as coisas têm

Há coisas que passam depressa. Outras, quase sem que percebamos, vão ficando. Há o instante, o minuto, a hora, a tarde que escorre pela janela do ônibus. Há o beijo que dura segundos e a lembrança que pode atravessar uma vida inteira. Um poema recitado diariamente ao alvorecer e a foto marcada n'alma. Tudo tem sua velocidade específica.

O sol nasce devagar sobre a Baía de Guanabara. A luz se espalha pelos prédios, toca as antenas, acende as janelas. Depois corre. Corre pelos morros, pela areia, pelo mar. E, quando a gente percebe, já é fim de tarde. O céu muda de cor. O Rio muda de rosto. A cidade é assim.

Passageira em cada detalhe. Indelével no conjunto.

Uma onda chega à praia e desaparece. Um casal atravessa a rua de mãos dadas. Um vendedor anuncia o mate. Um ônibus passa cheio. Uma bicicleta corta a ciclovía. Um avião risca o céu. Uma nuvem cobre o Cristo por alguns segundos. Tudo passa. Até a chuva, que parece eterna quando cai sobre Copacabana. Até o carnaval, que espera um ano inteiro para durar alguns dias. Até a juventude. Até a beleza. Até certas dores que, um dia, julgamos não ter fim.

A fotografia talvez seja uma das poucas maneiras que inventamos para enfrentar essa velocidade. Apertamos o disparador. Congelamos o instante. Um segundo fica para sempre. O menino continua correndo na fotografia. O casal continua se beijando. O velho continua olhando o mar. A luz permanece exatamente onde estava. Mas a vida não. A vida não para pra ninguém. O tempo tem pressa. O Rio, não – perdoe Paulinho –, ou talvez tenha outra velocidade. Porque há cidades que a gente visita. E há cidades que nos visitam para sempre.

O Rio de Janeiro pertence à segunda espécie. Pode-se partir. Morar longe. Conhecer outros mares, outras montanhas, outras luzes. Pode-se trocar de endereço, de hábitos, de paisagem. Pode-se até tentar esquecer. Mas basta uma fotografia do Pão de Açúcar. Um cheiro de maresia. O desenho do Cristo contra o céu. Um fim de tarde em Ipanema. O barulho de uma onda quebrando na pedra do Arpoador. E o Rio volta. Volta inteiro. Talvez porque certas paixões não obedecem ao relógio.

O amor físico tem sua velocidade. Às vezes é tempestade. Às vezes, brisa. O amor platônico pode ser ainda mais veloz: nasce num olhar e permanece décadas sem jamais ter acontecido. Há amores que duram uma noite. Há outros que duram uma vida. E há aqueles que continuam depois da vida. Porque o amor, diferentemente das coisas, não sabe passar. É ele que fica quando tudo o mais desaparece. Ficam as lembranças. Ficam as fotografias. Ficam os lugares. Fica uma voz. Um cheiro. Um gesto. Um sorriso perdido no tempo. Fica o Rio. Fica aquele amor. Fica aquilo que, por alguma razão que nem a fotografia consegue explicar, o coração decidiu tornar indelével.

Todas as coisas têm sua velocidade específica. A manhã passa. A tarde passa. A noite passa. A juventude passa. O tempo passa. Até nós passamos. Só o amor parece ter descoberto o segredo de ficar. E talvez seja por isso que o amor pela Cidade Maravilhosa tenha uma velocidade diferente de todas as outras coisas. Ele não corre. Não envelhece. Não termina. O Rio passa diante dos nossos olhos. Mas nunca passa dentro de nós.

